

SANCTA

CLARA



VIRGO SPONSA  
MATER

SOLLEMNITAS  
SANCTÆ CLARÆ  
ASSISIENSIS  
2010

*Litteræ Ministri Generalis Ordinis Fratrum Minorum*



## OLHA ATENTAMENTE, CONSIDERA, CONTEMPLA, TRANSFORMA-TE NO AMADO E DÁ TESTEMUNHO DELE (2 In 19. 22. 28)

Queridas Irmãs Pobres de Santa Clara: “*O Senhor esteja sempre convosco e oxalá estejais vós também sempre com Ele!*” (BnC 16)

Há um ano que nos colocamos a caminho para prepararmos a celebração do VIII Centenário da Fundação de vossa Ordem, que iniciaremos oficialmente no Domingo de Ramos de 2011 e encerraremos na festa de Santa Clara de 2012. Segundo o projeto aprovado pelas Presidentas das Federações durante o I Congresso de Presidentas da OSC, o tema para este ano é o da dimensão contemplativa da vossa forma de vida, tomando em consideração, como instrumentos privilegiados para potenciar tal dimensão, a escuta, o silêncio e a conversão de vida.

Com esta carta que, anualmente, vos envio por ocasião da festa da *Plantinha* de Francisco, desejo oferecer algumas pistas de reflexão sobre a contemplação e sobre a solidão e o silêncio para que possais seguir, conforme palavras de São Boaventura, “*com solicitude as pegadas de vossa beatíssima mãe (...) e abraçar com coragem Aquele que é espelho de pobreza, exemplo de humildade, escudo de paciência e título de obediência*”. (S. Boaventura, *Carta às Clarissas de Assis*, 1259)

### A CONTEMPLAÇÃO

Em várias ocasiões, durante os encontros com as Irmãs, me perguntaram sobre o que entendo por contemplação. Sem pretender ser exaustivo penso que a contemplação poderia ser definida, acima de tudo, como abertura do coração ao *mistério* que nos envolve, para deixar-nos possuir por ele. Nesse sentido contemplar é esvaziar-se de todo o supérfluo para que Aquele que é o Tudo nos encha até transbordar. Contemplar é abrir pouco a pouco *os olhos do coração* para poder ler e descobrir a presença do Senhor nas facetas das pessoas e das coisas. Contemplar é abrir os ouvidos da alma para escutar os gritos silenciosos do Senhor em sua Palavra, nos Sacramentos, na Igreja, e nos acontecimentos da história. Contemplar é fazer silêncio de palavras para que fale o olhar cheio de espanto, como o de uma criança; para que falem as mãos abertas ao compartilhar, como as de uma mãe; para que falem os pés que, com passo ligeiro, como nos pede Santa Clara, cruzam fronteiras para anunciar a Boa Nova, como os de um missionário; para que fale o coração transbordante de paixão por Cristo e pela humanidade, como falaram os corações enamorados

de Francisco e Clara. Contemplar é entrar na cela do próprio coração, e desde o silêncio que aí habita, deixar-se transformar por Aquele a quem como Clara confessamos: “*esposo da mais nobre estirpe*” (1In 7), com o aspecto “*mais belo*” (1In 9), “*cuja beleza todos os batalhões bem-aventurados dos céus admiram sem cessar*” (4In 10), e “*cuja afeição apaixonada*” (4In 11). Contemplar é “*desejar, acima de tudo, ter o espírito do Senhor e sua santa operação*” (cf. Gl 5,13-21.26; Rm 13, 13-14; RSC X,9). A contemplação é essencialmente a vida de união com Deus que, segundo as palavras de Francisco, seria “*ter o coração dirigido para Deus*” (RnB XXII, 19.25), e, segundo as de Clara, colocar alma, coração e mente no Espelho, em Cristo (cf 3In 12ss), até transformar-se totalmente na imagem de sua divindade (cf. 3 In 13).

Assim entendida, a contemplação nada tem a ver com uma vida medíocre, rotineira, preguiçosa. A contemplação é fazer uma opção exclusiva pelo Senhor, entregar-lhe a vida, é poder dizer com Paulo “*já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*” (Gl 2,20). É poder dizer na verdade: só o Esposo basta, pois se trata daquele cujo “*poder é mais forte, sua generosidade é mais elevada, seu aspecto é mais belo, o amor mais suave, e toda a graça mais elegante*” (1In 9). Para Clara a contemplação não é algo distinto da opção radical por Jesus Cristo, pelo contrário é a dimensão intrínseca e indispensável dessa mesma opção. A contemplação franciscana deve ser vista sempre no horizonte do seguimento de Cristo, é um *seguimento contemplativo*.

Por isso, com as palavras do pai São Francisco, podemos dizer que contemplar é entregar-se totalmente Àquele que todo inteiro se entregou por nós (cf. Ord 29). Contemplar é queimar, gastar a vida pelo Evangelho, “*regra e vida*” para todos nós (RB 1,1; RSC 1,2). Sempre me chamou a atenção que Clara não define a vida em São Damião como *vida contemplativa*, mas como *vivência do Evangelho*. Deste modo, Clara não considera a contemplação como uma forma de vida, senão como uma dimensão essencial da mesma a qual fica submetida à vivência do Evangelho. A contemplação vai, pois, de mãos dadas com a qualidade evangélica de vida conforme o *propósito* de vida que abraçamos (cf. 2In 11); com uma vontade firme de “*crescer de bem para melhor, de virtude em virtude*” (1In 32), e de avançar pelo caminho da bem-aventurança (cf 2In 12-13).

Para isso sentimos necessidade de *caminhar a partir do Evangelho*, núcleo fundamental e fundan-

te da nossa forma de vida, pois só ele nos dará a possibilidade de acender fogo novo e injetar linfa nova em nossa história comum, oito vezes centenária. Sermos contemplativos implica, pois, assumir o Evangelho com suas exigências mais radicais, sem concessões, sem justificar acomodações a um estilo cómodo de vida.

A contemplação tampouco é ser indiferente em relação aos outros. A paixão por Cristo é paixão pela humanidade. A contemplação que alimenta nossa vida nunca pode ser alheia à vida de nossos povos e ao que os afeta. A realidade de nossos irmãos, os homens e as mulheres, há de ser levada à oração. A alma contemplativa é uma alma que se sente em comunhão com todos, que apresenta todos ao Senhor, com suas alegrias e tristezas, com suas esperanças e suas frustrações. Carrega todos em seu coração, a todos acolhe em sua alma contemplativa.

A contemplação, portanto, é muito mais que os momentos mais ou menos prolongados de oração aos quais todas as demais coisas temporais devem servir (cf. RSC 7,2; RB 5,2). A contemplação é uma existência vivida para o Senhor e por Ele, doada também em favor dos demais. Não poderia ser de outra forma se consideramos que a contemplação, como afirma Clara, é imitar e seguir o Esposo (cf. 2In 20-21).

## FONTES DA CONTEMPLAÇÃO FRANCISCANA

Olhando para Francisco e Clara é fácil descobrir duas fontes principais de sua contemplação: a Palavra de Deus e a liturgia.

A *Palavra de Deus* é, sem dúvida alguma, a fonte principal da oração do Pobrezinho e de sua Plantinha. Os salmos e os cânticos bíblicos inspiram e nutrem sua oração a tal ponto de poder bem manifestar que ambos encarnam em si mesmos a figura do *pobre de Javé* em toda sua dimensão: a pessoa humana põe sua confiança plena no Senhor e mergulha na adoração e no louvor. A prática da *Leitura orante da Palavra*, tão recomendada pela Igreja nos últimos tempos, deveria ser habitual em nossas fraternidades, se queremos que a Palavra se torne carne em nossa existência de cada dia. Nesse sentido temos ainda muito caminho a percorrer.

A *liturgia* é fonte privilegiada da contemplação franciscana. Em primeiro lugar, porque é o canal ordinário através do qual Francisco e Clara acolhem a Palavra de Deus, uma Palavra que não é simples objeto de meditação, mas muito mais uma Palavra celebrada, atualizada; uma Palavra que se transforma em ação. Por outro lado, Francisco e Clara através da liturgia vivem intensamente a atualização sacramental do mistério de Cristo, particularmente como ele se manifesta na encarnação e na paixão, que, como

bem o sabemos, ocupam lugar central na contemplação desses enamorados de Cristo pobre e crucificado.

## O “MÉTODO” DE CLARA PARA A CONTEMPLAÇÃO

Como fizeram os ilustres mestres de contemplação, também Clara elaborou seu “método”, seu caminho, porém sem ater-se a nenhuma das grandes correntes. Trata-se de um método muito simples que brota da própria experiência. Este método pode resumir-se em três verbos que aparecem na segunda e quarta Cartas a Inês de Praga: *olhar, considerar, contemplar* (cf. 2In 20; 4In 15-23). O caminho contemplativo de Clara está enraizado na encarnação do Verbo, sintetizado no mistério, na vida pública e na cruz. É um espelho no qual se refletem a pobreza, a humildade e a caridade do Filho de Deus. Contemplar todos os dias tal espelho é percorrer este caminho sem desfalecer.

*Olhar.* O olhar implica todos os sentimentos no seguimento contemplativo de Jesus Cristo. “*Olhe dentro desse espelho todos os dias (...). Preste atenção no princípio deste espelho: a pobreza daquele que, envolto em panos, foi posto no presépio.*” (4In 15ss). Não se trata de uma postura romântica diante do presépio, mas de uma experiência real de pobreza, de uma opção decidida pela pobreza, como o caminho escolhido pelo Filho de Deus. Não se trata de olhar-se a si mesma, mas de sair de si mesma e contemplar a pobreza daquele que “*por você se fez desprezível*”. Para Clara já não resta outro caminho: “ *siga-o, sendo desprezível por ele neste mundo*” (2In 19). O olhar ao qual convida Clara é, na verdade, o olhar da esposa ao Esposo, que, por ser diário e incessante (cf. 4In 15), leva a descobrir a beleza do “*Esposo da mais nobre estirpe*” (1In 7).

*Considerar.* A consideração, para Clara, abarca a mente e leva a perceber a humildade, como um contraste que escandaliza e fascina: o Rei dos anjos envolto em panos e posto em um presépio (cf. 4In 19-20). Se para Francisco o binómio pobreza e humildade é inseparável, também o é para Clara. A pobreza põe em realce a vida na mesma condição dos pobres. A humildade expressa o mais profundo da pobreza: o rebaixamento, a humilhação, o desprezo. Se a pobreza é negação da riqueza, a humildade é negação do poder. A humildade é a dimensão quenótica do seguimento.

*Contemplar.* O contemplar implica particularmente o coração. Para Clara o coração é o lugar da aliança com o Esposo, expressa a radicalidade da resposta, a entrega total, a comunhão que permite saborear Deus. Por outro lado, a contemplação exige um coração puro (cf. RSC 10,10), totalmente voltado para o Senhor. Isso permite olhar com outros olhos, com os olhos de Deus, considerar de outra maneira, perceber em profundidade. Contemplar significa em última análise ter os mesmos sentimentos de Cristo (cf. Fl 2,5), revestir-se de

Cristo (cf. Gl 3,27; Ef 4,24). Contemplar é abrir-se ao Espírito que renova, transforma e arrasta ao testemunho, meta de toda a contemplação.

O *olha-considera-contempla*, mais que graus, são dimensões de um mesmo processo que não se reduz a uma mera consideração intelectual, mas que é uma experiência que implica toda a pessoa em todas as suas dimensões: espiritual, afetiva e sensível. É como o amor autêntico: envolvente (cf. RnB 22; 3In 12-13; 4In 15), que conduz ao seguimento e à identificação com a pessoa amada, à transformação do amante no Amado.

## O SILÊNCIO E A SOLIDÃO AO SERVIÇO DA CONTEMPLAÇÃO

Assim pensa Clara em sua Regra (cf. RSC 5), assim pensa a Igreja, assim o exprimem as vossas Constituições: “*a busca da intimidade com Deus traz consigo a necessidade vital de um silêncio de todo o ser*” (Evangelica Testificatio, 46; CCGG da OSC, 81). Quem deseja permanecer fixo unicamente na intimidade de Deus, a exemplo de Clara, deve afastar de sua alma “*todo o rumor*” (LSC 36). E isto não só para quem optou por uma vida *retirada*, mas para todos aqueles que desejam viver uma vida interior autêntica. O silêncio enquanto caminho de liberdade é um valor universal, necessário para uma vida em plenitude, para a reflexão profunda.

O silêncio e a solidão habitados são manifestação de uma vida plena e transbordante, que fala por si mesma. O silêncio e a solidão são, além disso, meios indispensáveis para concentrar-nos no essencial, para viver na presença do Senhor. É desde esta perspectiva que a clausura adquire a sua verdadeira dimensão. Sem diminuir a importância da clausura para fora, não se pode esquecer nunca a clausura para dentro: não entreter-se com o acidental, mas nutrir o gosto pela Palavra de Deus, o recolhimento dos sentidos. Se para quem vive às margens do nada, o silêncio é

sinal terrível do vazio, para quem busca a paz interior, o silêncio, a solidão e, no vosso caso, a clausura são oportunidades impagáveis para o encontro com Deus e com os demais.

O homem novo, a quem a fé concedeu um olhar penetrante que vai mais além do visível e um coração capaz de amar o Invisível, busca o silêncio e a solidão, feitos de relações profundas, autênticas e não como fuga ou como meio para fechar-se em si mesmo. Por paradoxal que possa parecer, somente aquele que é capaz de ficar sozinho é capaz de encontrar-se com alguém. Talvez isto explique porque hoje estamos tanto tempo juntos e não conseguimos encontrar-nos realmente com alguém.

Hoje, tanto vós, minhas queridas irmãs, como nós e todas as pessoas que desejem dedicar-se com coração exclusivo a Deus, necessitamos de silêncio e solidão, cheias de uma Presença, atentas à escuta, abertas à comunhão. Necessitamos cuidar do silêncio e da solidão habitados para não sermos carentes de reflexão, vítimas de um ativismo vazio e, portanto, estéril. Deus sempre fala e até mesmo seu silêncio é palavra.

## CONCLUSÃO

Irmãs mui queridas no Senhor: iniciei esta carta com palavras de São Boaventura e termino fazendo minhas outras palavras suas. Como ele, também eu vos peço que estejais “*sempre unidas a Cristo, nosso único bem duradouro*” (S. Boaventura, Carta... 4). Tudo o que vos escrevi, minhas queridas Irmãs pobres de Santa Clara, o assumo também para mim e para todos os irmãos que o Senhor me deu.

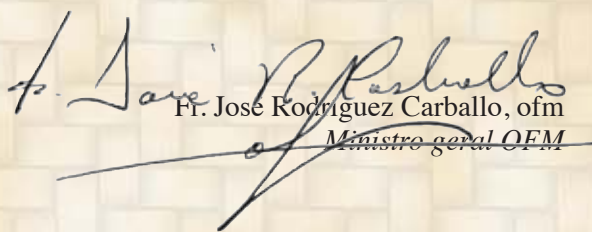
Que o Senhor nos dê um coração puro para poder olhá-LO, considerá-LO, contemplá-LO, para que, transformando-nos nEle, possamos dar testemunho dEle diante dos homens e das mulheres do nosso tempo!

Fraternalmente,



Roma, 13 de junho,  
festa de Santo Antônio de Pádua/Lisboa, de 2010.

Prot. 101007

  
Fr. José Rodríguez Carballo, ofm  
Ministro geral OFM